BOMTEMPO, Edda. Brinquedo e educação: na escola e no lar. Psicol. Esc.

Educ.Campinas,SP, v. 3, n. 1, p. 61-69, 1999.

BRASIL. Lei 9.394/1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Brasília: DOU, 23 dez. 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília:

MEC/SEF, 1998, volumes: 1 e 2.

BROUGÈRE, G. Jogo e educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

_____. Brinquedo e cultura. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Brinquedos e materiais pedagógicos nas escolas infantis. Educação e Pesquisa,Campinas, v.27, n.2, 2001b.

CHATEAU, Jean. O jogo e a criança. 2. ed. São Paulo: Summus, 1954.

CONSTRUIR E INCLUIR Disponível em: http://construireincluir.blogspot.com.br/

_____. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, T. M. O Brincar e suas teorias. São Paulo

_____. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In:VIGOTSKII, L.S. ; FREIRE, J. B. O jogo: entre o riso e o choro. Campinas: Autores Associados, 2002. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio escolar século XXI: o minidicionário da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. FLORES, Cristina Domingos. A importância do brincar para o desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos. Trabalho de conclusão de curso (Pedagogia – Licenciatura Plena) – Universidade Federal da Paraíba, 2011.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002.

Apostila.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GONZAGA, Rúbia Renata das Neves. A importância da formação lúdica para professores de educação infantil. Revista Maringá Ensina, v. 10, fev./abr. 2009, p.

36-39.

KISHIMOTO, T.M. Salas de aulas nas escolas infantis e o uso de brinquedos e materiais pedagógicos. Trabalho apresentado na 23ª reunião da ANPEd, Caxambu, 2000. Disponível

KISHIMOTO, Tisuko Morchida (Org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 7. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2003.

_____. A LDB e as instituições de educação infantil: desafios e perspectivas. Revista

Paulista de Educação Física. São Paulo, supl.4, p.7-14, 2001a.2137

MACEDO, Lino de. Faz de conta na escola – a importância do brincar. Revista Pátio – Educação Infantil. Ano I, nº 3, dez. 2003.

VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolyimento e aprendizagem. 10ª ed. São Paulo: Icone, 2006. Cap.4.

FAVORECENDO A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA E OLHAR SENSÍVEL PARA A DIVERSIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR

MARIA DO CARMO SILVA DE JESUS

Resumo:

A escola é representada por indivíduos de diversas origens, bagagens e peculiaridades. E diante desse contexto, é preciso que exista um trabalho harmônico, colaborativo e capaz de desenvolver senso de coletividade, bem como aspectos voltados a empatia, sensibilidade, respeito e valorização da diversidade, tornando o espaço mais harmônico e diminuindo situações de bullying, preconceito, discriminação, entre outros. O estudo teve como objetivo estudar a escola como elemento articulador da cidadania e valorização da diversidade na formação do alunado. Por meio da pesquisa bibliográfica, constatou-se que existe uma base primordial que é trazida de casa e, caso seja falha, é possível que a criança manifeste comportamentos indesejáveis. Por isso, a parceria entre família e escola é fundamental, bem como é imprescindível compreender os mecanismos de aprendizagem e desenvolvimento humano, trazendo elementos como a afetividade e harmonia no espaço, pois aprende-se prioritariamente por meio do exemplo, além de criar uma atmosfera propícia para a inteligência emocional, que não somente trabalhará os aspectos individuais, como também permitirá sensibilidade, troca, capacidade de olhar para o outro com respeito e empatia.

Palavras-chave: Cidadania. Valorização da diversidade. Empatia no espaço escolar.

1 INTRODUÇÃO

Compreende-se que falar sobre educação representa muito além de trabalhar com os alunos disciplinas básicas curricula-

res, como português, matemática, entre outros, pois o desenvolvimento cognitivo sem a presença de habilidades como sensibilidade, empatia, inteligência emocional, entre outros, tornam o aluno um indivíduo limitado para lidar consigo mesmo, com o outro e com o meio onde está inserido.

Nesta perspectiva, aponta-se que a educação efetiva é aquela capaz de formar o indivíduo em sua totalidade, ensinando sobre valores, olhares e condutas que transcenderão os muros escolares e farão a diferença no mundo. E considerando que a escola representa um fragmento da sociedade, neste espaço é possível observar diferentes culturas, condições, bagagens e peculiaridades individuais que a tornam, por vezes, um cenário extremamente desafiador, mas também enriquecedor caso seja utilizada como cenário para um trabalho em prol da cidadania.

Diante desse contexto, as perguntas que norteiam o estudo são: Qual o papel da escola na formação do aluno enquanto cidadão? Como o ambiente pode favorecer a valorização da diversidade? Quais estratégias podem ser utilizadas no processo de construção de cidadania?

Acredita-se que discutir sobre a tal temática, possibilita compreender o real papel da educação e refletir como este trabalho pode ser efetivado por meio de elementos do cotidiano, não somente enquanto atividades disciplinares, como também condutas, diálogos, posturas, entre outros, que favorecerão na construção de uma sociedade mais empática e sensível diante das diferenças e realidades apresentadas.

Para isso, o presente estudo tem como objetivo estudar a escola como elemento articulador da cidadania e valorização da diversidade na formação do alunado.

Para isso, será desenvolvido um estudo de caráter bibliográfico, considerando o embasamento teórico com livros e artigos científicos de renomados teóricos do campo, selecionados por meio de bases de dados como Scielo, Google Acadêmico e Google Books, no idioma português, por meio das palavras-chave: cidadania; valorização da diversidade; empatia no espaço escolar.

2 DESENVOLVIMENTO

A escola é um espaço caracterizado pela diversidade, tendo alunos que apresentam diferentes situações, valores, crenças, experiências e relações sociais, resultando em um ambiente rico e complexo, onde uma variedade de indivíduos relaciona-se com um objetivo comum: o aprendizado. Tal realidade entra em confronto com os ideais arcaicos de uma escola modelada para poucos, tornando-se excludente para muitos, onde a diferença é vista de forma negativa, danificando assim um ambiente favorável ao ensino-aprendizagem (SEBER, 1997).

A escola tem apresentado cada dia mais conflitos e situações problema em decorrência da referida exclusão. De acordo com Wallon (apud GALVÃO, 1995, p.

104):

No cotidiano escolar são comuns as situações de conflito envolvendo professor e alunos. Turbulência e agitação motora, dispersão, crises emocionais, desentendimentos entre alunos e destes com o professor a alguns exemplos de dinâmicas conflituais, que com frequência deixam a todos desamparados e sem saber o que fazer. Irritação, raiva, desespero e medo são manifestações que costumam acompanhar as crises, funcionando como "termômetro" do conflito.

O educador precisa estar preparado, inclusive emocionalmente, para lidar com as situações ditas acima, considerando que a transformação da educação depende muito de seu desempenho.

Sabe-se que conviver em sociedade não é uma tarefa fácil, mas compreender que valorizar o próximo é a chave para melhorar a sua realidade, desenvolvendo um trabalho que foque nas potencialidades do mesmo. Por isso, para exigir que os alunos desenvolvam habilidades empáticas e sensíveis é preciso, prioritariamente, recebê-lo da mesma maneira, para que consigam ter os recursos que precisam ser entregues ao próximo, afinal, é difícil transmitir aquilo que é desconhecido. Neste sentido, Maturana (1999, p. 15), complementa:

Vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui o viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional.

Atualmente, os aspectos voltados a afetividade e as emoções dos indivíduos não são pontos considerados importantes na educação, e, infelizmente, ainda não vemos a relação entre a cognição e o afeto sendo entendida e exercida na prática pelos educadores, que continuam valorizando mais a razão em detrimento da afetividade e de toda a subjetividade que envolve aquele que lhe é apresentado. A importância dos aspectos afetivos é deixada de lado no processo de elaboração do conhecimento.

No entanto, há novas perspectivas sobre o processo de ensino aprendizagem, baseado em afeto, para o desenvolvimento de autonomia e respeito, pois acredita-se que estas posturas contribuem para a formação de um ambiente propício para a aprendizagem não somente das disciplinas curriculares, como também sobre si mesmo, o outro,

e tantos aspectos que circundam o mundo, gerando um comportamento favorável para o desenvolvimento de um cidadão pleno.

Segundo Vygotsky (1993), o comportamento é um processo de interação que ocorre entre o indivíduo e o meio em que se encontra, sendo possíveis três formas de correlação. A primeira é quando o indivíduo se sente superior no meio em que vive, a segunda é quando a supremacia e a superioridade estão presentes no meio, causando tensão para o indivíduo e a terceira é quando há um equilíbrio entre o indivíduo e o meio. Todas estas possibilidades embasam o desenvolvimento do comportamento emocional da pessoa.

A emoção regula e orienta as reações que o indivíduo apresenta frente às relações que fazem parte de seu meio. Segundo Vygotsky (2001, p.139):

Toda emoção é um chamamento à ação ou uma renúncia a ela. Nenhum sentimento pode permanecer indiferente e infrutífero no comportamento. As emoções são esse organizador interno das nossas reações, que retiram, excitam, estimulam ou inibem essas ou aquelas reações. Desse modo, a emoção mantém seu papel de organizador interno do nosso comportamento.

O autor sugere que o processo educativo busque a transformação dos sentimentos e comportamentos não desejados do educando para que tais aspectos se tornem produtivos e mais adequados a seus objetivos, desenvolvendo, assim, a capacidade de dominar suas reações ligadas aos sentimentos, pois é muito comum que as crianças se apresentem como "pedras brutas" que precisam ser lapidadas, e podem ter reações indesejadas diante do desconhecido ou daquilo que gera estranheza. Assim, por exemplo, ao se depararem com um indivíduo deficiente, que tenha um comportamento ou até mesmo aparência diferente do que entende como padrão, pode fazer comentários negativos, olhares depreciativos e posturas incorretas, no entanto, ao compreender por meio dos adultos educadores como este colega se sente, vive e deve ser valorizado e respeitado pelo que é, é possível que essa mesma criança passe a regular o seu comportamento e desenvolver novas habilidades mais sensíveis e amorosas.

Vygotsky (2001) considera que educar os sentimentos consiste em primeiramente organizar e a vida e o comportamento da criança, de forma que ela seja estimulada com maior frequência a transferir sentimentos, educando-se neste aspecto. É nesta possibilidade de transferência mais ampla de sensações que há a garantia de que a educação se converta na construção de relações novas entre o indivíduo e o meio (ARANTES, 2003).

Segundo Vygotsky (2001, p. 146):

[...] quando há educação das emoções no sentido propriamente dito do termo, a tarefa essencial da educação é dominar as emoções, ou seja, incluí-las na rede global do comportamento quando elas estiverem estreitamente ligadas a todas as outras emoções e não se expressarem em seu processo de modo perturbador e destrutivo.

Pode-se compreender que é também tarefa da educação se preocupar com o domínio das emoções, considerando a presença da subordinação e da repressão de sentimentos em ambiente escolar. No entanto, fica claro que a primeira base é no âmbito familiar e o esperado é justamente que seja desenvolvido um trabalho em parceria, no entanto, sabe-se que existem muitas desconstruções a serem feitas, sendo muito fácil encontrar pais desconexos com a realidade a ser formada, ou seja, com atitudes depreciativas, preconceituosas, entre outros, o que automaticamente gera uma transferência para o filho que tem a maior tendência de assimilar tais práticas como "normais".

Dessa forma, torna-se um desafio ainda maior para a escola, mas não impossível, desde que promova não somente o ambiente adequado, como também exemplos diários por meio de situações e atividades que promovam reflexão e reações emocionais condizentes com o que se quer ensinar, como por exemplo, quando uma criança lê uma história em quadrinhos sobre o sofrimento de uma criança deficiente ao não ter nenhum amigo para brincar, criando todo um cenário para que os alunos sintam empatia, carinho e vontade de fazer a diferença.

As reações emocionais influenciam substancialmente tanto nosso comportamento quanto nosso processo educativo. Vygotsky afirma que se "queremos atingir uma melhor memorização por parte dos alunos ou um trabalho mais bem-sucedido do pensamento, seja como for devemos nos preocupar com que tanto outra atividade seja estimulada emocionalmente" (VYGOTSKY, 2001, p. 143).

Portanto, o autor acredita que tais reações devem constituir a base do processo educativo e que se deve considerar o aspecto emocional tanto quanto os outros aspectos, assim como a inteligência, sendo também trabalhado e desenvolvido de forma a ensinar o educando a controlar suas reações emocionais, não para fins de repressão, mas sim para que o mesmo consiga dominar sua expressão externa, fazendo-se dono de si, sendo capaz de orientar-se para um fim pretendido.

Ressalta-se que todo comportamento envolve tanto elementos afetivos quanto cognitivos. De acordo com a visão piagetiana, o nível de pensamento evolui conforme a idade do indivíduo, à medida que amadurece, o indivíduo atribui novos significados aos co-

nhecimentos já aprendidos durante a infância ou adolescência, modificando sua maneira de desenvolver uma linha de pensamento ou uma conversa com o outro (SOUZA, 2002).

Diante deste conceito, de que há diferentes graus de socialização entre os indivíduos, de acordo com seu amadurecimento mental, Piaget levanta a questão da interação, ou melhor, o quanto as interações entre o indivíduo e os demais influenciam e contribuem para a construção de seu conhecimento.

Ao transmitir novos conhecimentos a respeito de um determinado objeto, um indivíduo influencia o outro, modificando sua maneira de pensar e ver aquele objeto. A transmissão destes novos conhecimentos é um tipo de relação que se estabelece entre indivíduos. A partir desta ideia, Piaget afirma que há duas formas de relação social: a coação e a cooperação (LA TAILLE, 1992).

De acordo com Piaget (apud LA TAILLE, 1992, p. 58):

A relação de coação, como seu nome indica, é uma relação assimétrica, na qual um dos polos impõe ao outro sua forma de pensar, seus critérios, suas verdades. Em uma palavra, é uma relação em que não existe reciprocidade.

A coação não contribui para as relações sociais, visto que não promove a discussão entre os indivíduos, as ideias são expostas por um e aceitas, sem questionamento, pelo outro, como uma verdade absoluta. Nesta relação, não há evolução de pensamento, pois o conhecimento é imposto e não estimulado.

Segundo Piaget (apud LA TAILLE, 1992, p. 59):

As relações de cooperação são simétricas; portanto, regidas pela reciprocidade. São relações constituintes, que pedem, pois mútuos acordos entre os participantes, uma vez que as regras não são dadas de antemão. Somente com a cooperação, o desenvolvimento intelectual e moral pode ocorrer, pois ele exige que os sujeitos descentrem para poder compreender o ponto de vista alheio.

Na relação de cooperação, há discussão no processo de construção do conhecimento do educando. Ela envolve a participação dos dois indivíduos em questão para que a formulação do conhecimento efetivamente ocorra, promovendo a troca de ideias, a reflexão, o pensamento crítico do educando. Há uma relação social evidente entre educador e educando e, como consequência, há o aprendizado real.

Conforme mencionado antes, para Piaget, a afetividade é vista como a “energia” que movimenta e motiva o indivíduo, levando-o a executar ações de acordo com seu interesse. Pode-se entender que na relação de cooperação, ao existir a relação social explícita entre os componentes envolvidos no processo, ao engajar-se em discussões sobre os conteúdos apresentados, o educando motiva-se a prestar atenção na situação-problema apresentada.

Além disso, é importante ressaltar que o ser humano apresenta elementos psicológicos e sociais, ou seja, podem ser considerados seres de alta complexidade, e por isso lidar com este público exige o reconhecimento de estratégias que englobem o desenvolvimento integral do indivíduo.

Não podemos ignorar a ideia da formação humana: somos um aparato biológico, psicológico e social. Não se separa a razão da emoção, ambas se complementam o tempo todo, levando em conta a predominância de alguma delas em determinas situações. A verdade é que nossos sentimentos, nossas paixões e anseios mais profundos constituem uma força extraordinária que, mais do que a cultura, conduz nossas esperanças de felicidade. A evolução da espécie deu à emotividade um papel essencial para a solução dos problemas mais proeminentes da vida. É ela que nos conduz quando surgem provações essenciais para serem deixadas apenas à nossa pobre intelectualidade (ANTUNES,1999, p. 23).

Neste sentido, o referido autor caracteriza a inteligência emocional como a capacidade de reconhecer e administrar as próprias emoções por meio do processo de autoconhecimento, de forma a usá-las ao seu fator, bem como gerando interferência no meio onde está inserido pela alta capacidade de se relacionar com outros indivíduos a partir de premissas como compreensão, empatia e consciência para o estabelecimento de relações saudáveis. Esta, por sua vez, é expressa em cinco eixos, sendo estes: autoconhecimento, administração das emoções, empatia, automotivação e a capacidade de relacionamento pleno.

O autoconhecimento, apresenta-se como a capacidade e facilidade de identificar emoções e sentimentos, de forma a auxiliar na tomada de decisão visando a satisfação pessoal. A administração das emoções, por sua vez, envolve o controle de impulsos, equilíbrio da ansiedade, direcionando estas emoções de maneira integra e correta.

A empatia, está ligada a necessidade de adquirir um olhar sensível ao próximo, colocando-se no lugar do outro, compreendendo-o e percebendo os seus sentimentos e necessidades mesmo quantos estes não são expressos de forma verbalizada num primeiro momento.

A automotivação, envolve a capacidade de ser positivo e otimista consigo mesmo, ainda em um terreno com condições adversas. E por fim, a capacidade de relacionamento, envolve a capacidade de conseguir lidar e interagir com as outras pessoas e consequentemente as suas reações emocionais.

O conjunto destas habilidades, de acordo com o autor, podem ser definidas como 'quociente emocional', que é "a capacidade que cada ser humano tem para lidar com os conflitos cotidianos, o controle de angústias e ansiedades, compreendendo-se ao compreender os próprios sentimentos e descobrindo-se nos outros com quem busca efetivamente conviver" (ANTUNES, 1999, p. 27).

O autor cita a necessidade de explorar melhor as estratégias de aprendizagem neste campo, visto que há uma ineficiência no ensino, onde muitos estudantes saem da escola sem ter explorado as múltiplas inteligências. E diante deste contexto, o autor propõe um novo currículo, com estratégias e meios de avaliação para uma nova educação, priorizando a qualidade e a formação integral do ser.

Assim, Antunes (1999) apresenta novas alternativas que buscam aprimorar a construção dos saberes. O autor afirma que aos poucos as escolas passam a ter uma visão diferenciada sobre o processo de ensino aprendizagem, o que é essencial para o avanço neste aspecto, pois já conseguem compreender que o bom aluno não é aquele que tira as notas mais altas nas avaliações tradicionais e se destaca em disciplinas como matemática, por exemplo. Hoje, sabe-se que esta visão é muito literal, e foca em uma aprendizagem mecanicista, onde o aluno não tem participação ativa na construção dos saberes e é avaliado de forma extremamente superficial.

Além disso, essa visão trabalha apenas a aquisição de conteúdos, sem considerar a parte emocional do ser. Assim, o ser humano é muito mais amplo do que o modelo tradicional de ensino considerava. Nesta teoria, Gardner destaca sete tipos de inteligências, representando maneiras diferenciadas de aprender e ver o mundo. Assim, é impossível que a escola continue adotando apenas uma estratégia de ensino, visto que o público-alvo é extremamente heterogêneo.

Os sentimentos são capazes de representar uma força extraordinária sobre nós, e trabalhar com estas emoções, é essencial para uma aprendizagem efetiva.

Para complementar, o autor apresenta alguns exemplos práticos em escolas brasileiras e americanas com a implementação de jogos e atividades que aguçam as funções cerebrais e auxiliam os alunos a lidarem com seus sentimentos e emoções.

Assim, o processo de alfabetização emocional possibilita o autoconhecimento, trabalhando aspectos como automotivação, empatia, autocontrole, essenciais não só na fase escolar, como em toda vida humana, representando os objetivos reais da escola, que é preparar as crianças para o futuro.

Como cita o autor "Acreditamos que a alfabetização emocional ampliará os limites do nosso autoconhecimento e de nossas opções para que se trabalhe a empatia, automotivação e tantos outros processos emocionais" (ANTUNES, 1999, p. 19).

Para isto, o autor desenvolveu tópicos que mostram o perfil necessário para que o professor consiga trabalhar as estratégias da educação emocional, sendo estas:

- Mentalidade aberta: Estar aberto a novidades com entusiasmos;
- Inteligência interpessoal: Sentir prazer em estar próximo a outras pessoas, ajudá-las na construção de posturas emocionais, diferentemente do que ensinar um padrão, visto que não há receitas prontas, e ser bom ouvinte;
- Atitude investigativa: Estar aberto ao conhecimento, e se colocar na postura de "aluno", ou seja, sempre aprendendo coisas novas;
- Senso Crítico: Capacidade de reformular-se a partir da crítica construtiva, ter consciência de que as mudanças conduzem ao crescimento;
- Desprendimento intelectual: Não se prender a conquistas e sucessos, acreditando que atingiu o limite do conhecimento, e sim buscar sempre crescer, inclusive por intermédio do convívio com outros profissionais.
- Sensibilidade às mudanças: Assumir erros, corrigir e buscar crescer a partir das falhas;
- Empatia: Conseguir se colocar no lugar do outro com sensibilidade e carinho, deixando de lado qualquer estereótipo ou preconceito que venha a rotular as pessoas.

Dessa forma, mais do que mostrar a importância da alfabetização emocional, o autor mostra caminhos para que o professor trabalhe com este tipo de inteligência em sala de aula, auxiliando primeiramente na melhora do seu "eu", para que consiga transmitir alguns valores para as crianças, e principalmente, auxilie na condução dessa conquista para o desenvolvimento humano.

Além disso, complementa mostrando que a alfabetização emocional não deve ser trabalhada por intermédio de uma disciplina específica, pois, todas as disciplinas devem se basear no desenvolvimento emocional, para que os sentimentos e emoções sejam refleti-